

A reformulação parafrásica em contexto de interacção psicoterapêutica

Ana Monção
UNL/FCSH

A reformulação é considerada apenas como uma das expressões da actividade “meta”(linguística), ou seja, da actividade reflexiva sobre a língua(gem) levadas a cabo pelo sujeito enunciator. O enunciado/discurso tem, na verdade, “... *uma estrutura largamente reflexiva, no sentido em que, explícita ou implicitamente, remete para a sua própria ocorrência, para a sua enunciação – em particular para os termos e coordenadas da comunicação-interacção que se dá em cada acto verbal, podendo enumerar-se, para além da reformulação, os signos auto-referenciais, os indicadores ilocutórios, os actos indirectos, os implícitos, os operadores e conectores argumentativos, a pressuposição, os verbos de atitude proposicional, os modalizadores, as formas de discurso relatado e os actos de composição textual ou discursiva, como indicadores dessa actividade*” (Fonseca 1992: 295).

“*Reformuler c’est revenir sur ce qui a été formulé par d’autres ou par soi-même, par un travail qui vise à l’éclaircissement et se situe aussi dans la perspective de la communication; rendre une production de sens plus adéquate à son object, se faire comprendre mieux mais aussi comprendre mieux, s’assurer que l’on a bien compris ou que l’on dit de façon juste ce dont il s’agit*” (Normand 1987: 6). Nesta definição encontramos a sùmula de vários aspectos que têm sido discutidos acerca da reformulação: o seu carácter retroactivo (“revenir sur ce qui a été formulé”), a distinção entre auto-reformulação e hetero-reformulação (reformular o próprio discurso ou reformular o discurso do interlocutor), o distanciamento do enunciator em relação à sua produção discursiva ou à de outrem que decorre da análise retroactiva, e a principal função desempenhada pela reformulação – a de assegurar a inter/intracompreensão discursiva. Efectivamente, quer se trate, por parte do locutor, de uma preocupação em ajustar o seu discurso “às intenções designativas do universo de referências a activar” (Fonseca 1992: 308) – o locutor pode julgar o seu discurso referencialmente inadequado –, quer de uma antecipação do contra-discurso do interlocutor ou de uma reformulação com o intuito de preservar as faces dos intervenientes da interacção (funcionando, pois, como um mecanismo de atenuação), a reformulação visa clarificar, aumentar, assegurar a inter- ou intracompreensão discursiva. Ela é empregue com o objectivo de reajustar seja as relações intersubjectivas, seja as relações do Locutor com o seu próprio discurso.

A paráfrase, por seu turno, surge apenas como uma das possíveis manifestações da actividade de reformulação, adoptando vários autores (Gulich e Kotschi (1983, 1985, 1986), Roulet (1985, 1987) e Rossari (1990), a distinção entre duas operações de reformulação – a parafrásica e a não parafrásica. Roulet (1987), referindo-se em particular à reformulação não parafrásica, define-a como a subordinação retroactiva de um primeiro movimento discursivo (ou de um implícito), dado como autónomo, a uma nova intervenção, causando uma mudança de perspectiva enunciativa. Esta questão – se há ou não, quando o terapeuta reformula, uma mudança de perspectiva enunciativa – interessa-nos em particular, já que o terapeuta centrado, de acordo com os princípios de base da Terapia Centrada no Cliente, é suposto reformular maioritariamente dentro do quadro de referências do cliente (com mudança de enunciador mas sem mudança de perspectiva enunciativa, portanto), e não de acordo com o seu próprio quadro.

A reformulação não parafrásica possui, de acordo com a definição de Roulet (1985), duas propriedades geralmente assinaladas pelos conectores reformulativos: o efeito retroactivo e uma instrução interpretativa. Tomando como exemplo a sequência pCq e sendo C o conector reformulativo “em suma”, as instruções de C (“fazer uma síntese”) dizem respeito a p . Ou seja, o enunciado p deve ser interpretado como o resultado das instruções de C dadas relativamente a p – daí o efeito retroactivo do conector. Por outras palavras, as instruções relativas a “em suma” – “fazer uma síntese” – dizem respeito a p e são expressas em q . Esta instrução interpretativa resulta do efeito retroactivo: permitindo ao locutor regressar a p , o conector reformulativo permite atribuir a este uma nova interpretação que fornece em q .

Na sequência dos trabalhos de Roulet (1985, 1987) e de Gulich e Kotschi (1983, 1985, 1986), Rossari (1990) sintetiza as diferenças existentes entre os dois tipos de reformulação. Assim,

1. na Reformulação Não Parafrásica (RNP)

1.1. há mudança de perspectiva enunciativa. Em Roulet (1987: 117-118) encontrámos um exemplo, a este título, esclarecedor:

“Après les bombes, et dans l’attente des suivants, Chirac parle aux français à la radio et à la télévision. La plupart des commentateurs: “il a très bien parlé”. En fait il n’a rien dit”.

Ao comentar este exemplo, Roulet faz-nos perceber o que entende por “mudança de perspectiva enunciativa”: *“L’énonciateur subordonne rétroactivement le premier mouvement discursif, qui rapporte au point de vue qu’il juge inexact, à la formulation, dans une perspective énonciative différente indiquée par en fait, de son propre point de vue”* (Roulet 1987: 115, subl. meu);

1.2. o conector reformulativo escolhido pelo enunciador é que indicará o seu grau de distanciamento em relação ao(s) enunciado(s) inicia(is), distanciamento

esse que decorre da mudança de perspectiva enunciativa: assim, conectores como “en somme, bref, en un mot”, afirmará Rossari (1990: 348), expressam uma tomada de distância moderada – o locutor limita-se a condensar a primeira formulação –, enquanto que “en tout cas, de toute manière, enfin” marcam fortemente essa distância, colocando em causa a primeira formulação;

1.3. a relação semântica na RNP, não é, como na RP, uma relação de equivalência. Na realidade, a natureza dessa relação é determinada pelo semantismo do conector escolhido pelo enunciador, de tal modo que a supressão do marcador acarreta a supressão da operação de reformulação (ao contrário do que, como vimos, acontece na operação de reformulação parafrásica em que a operação é só por si assegurada pela relação de equivalência semântica entre enunciados).

2. na Reformulação Parafrásica (RP)

2.1. existe uma relação de equivalência semântica entre as duas formulações, equivalência semântica essa expressa por conectores que, a estarem presentes, melhor a expressam pelo seu semantismo – é o caso de reformulativos como “en d’autres termes”, “autrement dit”, “c’est-à-dire”. O que se retoma da primeira formulação – e por esta Rossari entende um enunciado explícito ou implícito, englobando o termo quer a forma, quer o conteúdo do enunciado – poderá ser um aspecto de ordem sintáctica ou terminológica. Quando a relação de equivalência entre as duas formulações é suficientemente forte, não há necessidade de presença do conector reformulativo;

2.2. não há mudança de perspectiva enunciativa: “*Si l’opération de reformulation paraphrastique permet au locuteur de revenir sur un énoncé antécédent par l’intermédiaire d’un connecteur reformulatif, ce n’est pas dans le but d’exprimer dans la reformulation un changement de perspective énonciative. Au contraire, le locuteur utilise cette opération pour revenir sur sa première formulation, afin de la compléter, la clarifier ou même la rectifier, tout en instaurant avec celle-ci une équivalence à quelque niveau que ce soit. Ainsi, en recourant à une opération de reformulation paraphrastique, le locuteur tâche de concilier la rectification ou la clarification qu’il veut apporter à sa première formulation avec le maintien d’un lien étroit entre les deux formulations. L’usage d’une reformulation paraphrastique assure donc le postulat d’une équivalence qui peut se situer au niveau de la forme, du contenu ou de l’acte illocutoire inhérent à l’énoncé, malgré la modification inévitable qu’apporte la reformulation*” (Rossari 1990: 348-349).

Em Monção (2002) e depois de termos enquadrado historicamente os estudos sobre a parafrase a partir de Fuchs (1980 e 1981), e de termos percorrido abordagens teoricamente diversas como as de Gulich e Kotschi (1983, 1985, 1986), Roulet (1985, 1987), Rossari (1990), Murat & Cartier-Bresson (1987) entre outros, pudemos em síntese afirmar o seguinte sobre a actividade parafrásica:

1. a paráfrase é uma das possíveis manifestações da actividade (metalinguística) de reformulação;
2. a reformulação, na prática discursiva concreta, funciona sempre como um avanço contribuindo para a progressão discursiva, e que, até em casos de absoluta reduplicação, a reformulação implica sempre um deslocamento de sentido. A identidade de sentido/conteúdo entre enunciado a reformular e enunciado reformulador é, por conseguinte, hipotética;
3. esse deslocamento de sentido tem como limite um limiar de distorção, a partir do qual se deixa de considerar dois enunciados como inter-parafrásicos (caso de alteração semântica radical);
4. a paráfrase não é uma relação virtual no plano da língua, mas uma realização actualizada em discurso e, como tal, não pode ser analisada fora dos co-textos e contextos. O parentesco semântico não existe nos enunciados, é antes criado pelo discurso e pelos enunciadores que o estabelecem numa determinada situação discursiva;
5. a actividade parafrásica resulta de um processo activo de (re)construção de sentido, sujeito a restrições linguísticas e como tal predizível linguisticamente. No entanto, esta actividade comporta uma margem de escolha por parte dos sujeitos, escolha essa que depende de vários tipos de factores de ordem extralinguística em acção em qualquer processo interpretativo;
6. a reformulação (auto- ou hetero-) possui um carácter retroactivo e proactivo, e implica um distanciamento do enunciador em relação ao próprio dizer ou ao dizer de outro (distanciamento esse que Canut (1998) designou de forma expressiva como "une position regardante");
7. a principal função da reformulação é a de ajustar a compreensão inter-sujeitos, num esforço de cooperação comunicativa, não sendo nunca esse ajustamento totalmente atingido. Na verdade, é esta tentativa de redução da distância entre dois dizeres não coincidentes tendente para o infinito, nunca alcançada, que assegura a progressão discursiva;
8. podem distinguir-se reformulações de tipo parafrásico e reformulações de tipo não parafrásico (e dentro deste último tipo, a reformulação de tipo correctivo) através de vários critérios – respectivamente, sem mudança vs com mudança de perspectiva enunciativa, relação de equivalência semântica com ou sem marcador vs relação de não equivalência cujo tipo é especificado pelo marcador, de tal modo que a supressão do marcador marca a supressão da operação de reformulação;
9. a identificação dos marcadores de reformulação só pode ser feita em co-texto e contexto dada a sua polifuncionalidade, pelo que listá-los de forma definitiva é uma tarefa improvável.

Neste artigo propomos-nos analisar a reformulação parafrásica no contexto de uma interacção psicoterapêutica realizada na Suíça no âmbito da Terapia Centrada no Cliente (TCC) com dois intuitos: o de mostrar em que medida a análise desta actividade metalinguística neste contexto pode contribuir para um alargamento dos

resultados já obtidos pela investigação linguística, e o de demonstrar de que modo os estudos linguísticos neste domínio podem esclarecer sobre os efeitos discursivos de certas intervenções do terapeuta no discurso dos pacientes e, por conseguinte, no processo terapêutico. Antes, porém, tentaremos apreender a especificidade desta interacção em relação a outras de tipo institucional e conversacional.

Grossen e Apothéloz (1996) distinguem três dimensões na interacção psicoterapêutica das quais decorrem a sua especificidade: a dimensão psicológica, a dimensão social e a dimensão linguística (16-17).

Ao nível psicológico a relação terapêutica constitui uma relação entre dois ou mais indivíduos com o seu funcionamento psíquico específico, ocorre num *setting* (i. é., num dispositivo espaço-temporal que favorece a emergência de um processo terapêutico) onde são utilizadas diversas técnicas de intervenção psicológica pelos terapeutas consoante as escolas (*idem*: 16).

Este tipo de interacção é, por outro lado, institucionalmente, socialmente e culturalmente determinado: paciente e terapeuta, em posição assimétrica e complementar, trocam significados e representações que têm origem tanto na sua experiência pessoal como na sua experiência social. Sendo o terapeuta um representante institucional cuja acção é condicionada pelas regras, normas e valores da instituição (dependentes das próprias de factores económicos e políticos), um dos possíveis objectos de estudo será o de tentar determinar em que medida os factores sociais, culturais e institucionais determinam e influenciam a relação terapêutica (e, em particular, a organização interlocutiva interna) (*ibidem*).

Finalmente, a interacção terapêutica deve ser entendida como uma troca linguística – mais precisamente como uma conversação –, implicando processos de negociação e de construção de sentido. Segundo os autores a reformulação tem, nessa co-construção e negociação de sentidos, um papel preponderante assegurando o equilíbrio difícil, por parte do terapeuta, entre as intervenções que se inscrevem na continuidade das do paciente (sem as quais não haveria diálogo), e as intervenções que visam introduzir uma certa discontinuidade (sem a qual o processo terapêutico não é possível) (*idem*: 17).

Embora a interacção terapêutica tenha em comum com outras interacções linguísticas institucionalizadas o facto de ser uma conversação de que Proia (1997: 514) salienta a relação assimétrica entre interlocutores, é necessário salientar, como o faz a autora na sequência de Trognon (1988), que, em função das escolas e dos objectivos perseguidos (ajudar o paciente a mudar utilizando diferentes técnicas), certos eventos interlocutórios são privilegiados enquanto outros são censurados. “*Il me semble...*”, afirma “*..que si les différentes formes de psychothérapies font appel à des théories des processus mentaux différentes alors les thérapeutes doivent bien faire des choses différentes*” (*idem*: 517). Algumas destas “coisas diferentes” serão certamente perfis linguísticos diferentes cujos efeitos discursivos nos processos terapêuticos com origem em escolas diferentes estão ainda por determinar¹.

¹ Neste sentido, a escolha de excertos de uma psicoterapia breve no quadro da T.C.C. não é aleatória já que se considera que a reformulação parafrásica é, entre outro tipo de intervenções, a mais frequentemente utilizada pelo terapeuta centrado.

Embora sejam escassos os estudos da reformulação em contexto psicoterapêutico, o trabalho de Grossen e Apothéloz de 1996 apresenta importantes conclusões sobre o funcionamento das reformulações na dinâmica conversacional, estejam elas assinaladas explicitamente por marcadores reformulativos ou “clauses” metadiscursivas em contexto de psicoterapia familiar². Os autores constataam, entre outros aspectos, que conforme as reformulações são introduzidas por um ou outro tipo de marcadores, a sua função e o seu estatuto na dinâmica conversacional não são idênticas.

Assim, enquanto que as auto- e hetero-reformulações introduzidas por um marcador reformulativo têm um carácter local, ou seja, são imediatamente introduzidas a seguir ao enunciado reformulado, as reformulações construídas com um marcador metadiscursivo podem ter como objecto sequências linguísticas bastante distantes, podendo ser utilizadas para recordar informação antiga que ocorreu na conversação ou tornar a focalizar a atenção sobre essa informação.

Esta diferença é considerada pelos autores como consequência dos funcionamentos respectivos de cada tipo de reformulação. Deste modo e no que diz respeito à relação reformulação/intervenção precedente, nas reformulações com um marcador reformulativo, o locutor constrói a sua intervenção como o prolongamento da intervenção que comporta o enunciado-origem, e apresenta-a como funcionalmente independente dela, simulando a produção de uma única intervenção. Ou seja, as reformulações funcionam como a construção de um discurso monologal dentro de uma forma dialogal. As reformulações introduzidas por um marcador metadiscursivo, pelo contrário, não se apresentam como estruturalmente dependentes da intervenção precedente.

O comportamento é inverso quando analisada a estrutura da intervenção que comporta a reformulação. Quando introduzida por um marcador reformulativo, a reformulação constitui com o enunciado-origem uma intervenção completa. Quando introduzida por um marcador metadiscursivo, as reformulações dificilmente se bastam a si próprias. São sempre precedidas ou seguidas de um enunciado que tem frequentemente o valor de interrogação ou pedido de confirmação.

Finalmente, as hetero-reformulações quando introduzidas por estes dois tipos diferentes de marcadores divergem do ponto de vista do sujeito que as assume. Quando comportam um marcador reformulativo, o locutor assume o que é assertado nas reformulações. Quando introduzidas por um marcador metadiscursivo o locutor não as assume, pelo contrário, desloca essa assunção para outra pessoa, assumindo as reformulações o estatuto de discurso relatado.

Também em Monção (2002) se analisaram as hetero-reformulações, do terapeuta e da paciente, em contexto psicoterapêutico. Foi possível constatar que, em situação de auto-reformulação do terapeuta e da cliente e em situação de hetero-reformulação da cliente, “c’est-à-dire” introduz uma reformulação de tipo correctivo em que a segunda formulação é apresentada como mais clara e mais precisa do

² Ver diferença entre marcadores reformulativos e “clauses” metadiscursivas pp. 119-120.

que a primeira, podendo existir um acréscimo de informação. Pelo contrário, em situação de hetero-reformulação do terapeuta, "c'est-à-dire" funciona como conector de reformulação parafrásica, introduzindo enunciados que tendem a manter as operações de construção de sentido já efectuadas pela cliente.

Esta diferença só pode, a nosso ver, ser explicada em termos de estratégias discursivas diferentes dentro de um quadro conversacional específico, a saber, uma interacção verbal que se desenrola dentro de um quadro terapêutico com características particulares. Para o terapeuta trata-se de reformular o mais próximo possível do discurso da cliente, do seu próprio ponto de vista, e de anular o mais possível a distância entre dois dizeres que nunca são coincidentes; para a cliente trata-se, ouvindo o seu próprio discurso reformulado, de o reformular novamente se entende que não foi exactamente o que disse e de explicitar melhor o que teria querido dizer, acrescentando por vezes conteúdos ainda não verbalizados. Por outras palavras, se "c'est-à-dire" tem um funcionamento diferente nas diferentes situações acima mencionadas é porque esse funcionamento se subordina à *diferença de papéis* desempenhados por ambos os intervenientes nesta situação terapêutica.

Neste artigo serão analisadas reformulações parafrásicas em situação de conversação, escolhendo-se passagens da psicoterapia breve já referida em que se encontre explicitamente assinalada por marcadores. Define-se a reformulação parafrásica como a manutenção de operações de construção de sentido entre co-enunciadores, sem mudança de perspectiva enunciativa, e as parafrases como objectos de discurso interactivamente construídos com a finalidade de ajustar a compreensão inter-sujeitos.

Analisando essas passagens, verificamos que o terapeuta, em situação de hetero-reformulação, tende a manter as mesmas operações de construção de sentido presentes no discurso da cliente:

1. Mantém o mesmo valor ilocutório (ver excerto A em anexo):

Neste excerto o terapeuta reformula o acto ilocutório (interrogação) presente no discurso da cliente ("je ne sais pas jusqu'à quel point..." introduz uma interrogativa pessoal indirecta, parafraseada pelo terapeuta por "vous posez la question"), transformando-a numa interrogativa alternativa (*ou p ou p'*) construída com "est-ce que".

2. Mantém o mesmo valor modal (ver anexo, excerto B):

O terapeuta mantém o valor modal de incerto expresso por "je ne sais pas" ao reformulá-lo por "peut-être", e que o marcador de reformulação não parafrásica "de toute façon" é reformulado pelo terapeuta por um outro – "en fait" – que marca o mesmo tipo de operação de invalidação. Recordamos que, para Rossari (1989 e 1990), esta operação pode incidir sobre o aspecto modal ou factual do estado de coisas apresentado na primeira formulação. Enquanto que "de toute façon" indica, pelo seu semantismo, que o enunciado que introduz deve ser considerado como independente das modalidades instauradas na primeira formulação, "en fait" indica

que a reformulação por ele introduzida é mais conforme aos factos ou à realidade do movimento discursivo precedente:

Por outro lado, através da reformulação parafrásica o terapeuta centrado delega na cliente a responsabilidade da assunção discursiva, reformulando sistematicamente na 2ª pessoa do plural “vous”. Esta sistematicidade (cf. excerto C abaixo) tem, a nosso ver, como consequência, a passagem progressiva da forma impessoal “on” para a de 1ª pessoa “je” no discurso da cliente (cf. excertos D e E em anexo nos quais se verifica até uma hesitação entre as duas formas).

Por sua vez, se repararmos no excerto F (em anexo), constatamos como, em geral, o terapeuta mantém também os tempos linguísticos utilizados no discurso da cliente, como no excerto que apresentaremos de seguida, em que um dos tempos que assinala a narração de discurso, o ‘Passé Composé’² – “un jour je me suis rendue compte” – e o Presente actual que marca o puro discurso – “et je crois que...” –, são mantidos na reformulação do terapeuta – “vous avez pu garder plusieurs numéros...” vs. “ça a quand même une relation...”

No entanto, do mesmo modo que o terapeuta centra o discurso na cliente através do uso sistemático de “vous” (numa forma que poderíamos dizer de discurso relatado permanente), estratégia discursiva que, como vimos, tem como consequência a passagem das formas impessoais para a de primeira pessoa, podemos observar também que, em certos momentos da terapia, o terapeuta, em vez de manter os tempos linguísticos do discurso da cliente, os muda para presentes genéricos posicionais transformando as asserções da cliente em suas “propriedades” ou características comportamentais.

No excerto G (ver em anexo) marcámos a itálico os tempos verbais que se mantêm idênticos nas tomadas de palavra de ambos os intervenientes: Vemos, assim, que o Presente actual de C1 é mantido em T1 (“actualidade” essa marcada por “pour le moment”). O ‘Passé Composé’ e Imperfeito empregues em C4 e C5 (“elle m’a dit”, “ça m’a glacé”, “je me suis dit”, “elle m’a gâché”, “mon esprit tournait...”), são mantidos em T5, T6 e T8 (“ce qui était gênant pour vous”, “vous n’avez pas pu prendre de la distance”, “ça vous a centré autour”, “elle...a entamé votre disponibilité”). As sucessivas formas verbais no ‘Passé Composé’ de C9 (“mon mari est venu...il a passé...il est venu...je lui ai dit...j’ai raconté...il m’a dit”) são condensadas na intervenção do terapeuta T9 por duas formas verbais, elas também nesse mesmo tempo verbal (“Il vous a soutenu, vous vous êtes sentie soutenue”). Retomemos o excerto F (designada essa continuação por “excerto H”, no anexo), verificamos que as intervenções T10 e T11 marcam o momento em que o terapeuta passa à utilização do presente genérico disposicional. T10 e T11 são, na verdade, reformulações de C4 e C5, intervenções em que, como vimos, a cliente emprega o ‘Passé Composé’ e o Imperfeito. A forma verbal no ‘Conditionnel Passé’ da intervenção C13 (“j’aurais préféré...”), é também reformulada pelo terapeuta por um Presente genérico na sua intervenção T14 (“quand il y a des différences, vous préférez...”). Curiosamente, a utilização por parte do terapeuta do Presente genérico conduz à adopção, por parte da cliente, do mesmo tempo e valor aspectual na

intervenção C15 (“si ça traîne, je crois que d’y penser... je me laisse trop envahir par...”), dando-se esta conta de uma forma pessoal de agir, aumentando deste modo o seu *insight*.

Conclusão

Propusemos uma análise da reformulação parafrásica entendendo-a como manutenção de (algumas ou todas) as operações de construção de sentido entre co-enunciadores, sem mudança de perspectiva enunciativa, e entendendo o seu produto (os enunciados inter-parafrásicos) como objectos discursivos interactivamente construídos com a finalidade de ajustar a comunicação inter-sujeitos.

A análise da reformulação parafrásica no contexto de uma psicoterapia breve de orientação rogeriana revelou que “c’est-à-dire” tanto pode funcionar como marcador de reformulação parafrásica, como de reformulação correctiva. Esta diferença de funcionamento tem origem nos diferentes papéis desempenhados por ambos os intervenientes na situação terapêutica. Estas constatações sugerem que o estudo dos designados ‘marcadores de reformulação’ se deve subordinar não só ao co-texto verbal em que surge, como levar em linha de conta o tipo de interacção em causa, e as relações que se estabelecem entre os intervenientes de uma interacção.

Aquela análise permitiu-nos, por outro lado, tirar uma importante conclusão no que diz respeito ao comportamento verbal do terapeuta e aos seus efeitos no comportamento verbal da cliente. Efectivamente, o terapeuta centrado tende a manter – poderíamos dizer de forma especular – as operações de construção de sentido do discurso da cliente, isto é, mantém o mesmo valor ilocutório, o mesmo tipo de modalidades, os mesmos tempos verbais e valores aspectuais.

No entanto, em certos momentos, o terapeuta transforma os tempos verbais e/ou valores aspectuais em presentes genéricos disposicionais, ou em presentes actuais estritos. Enquanto que o uso destes últimos centra o discurso da cliente no presente momento da terapia, o uso dos primeiros expressa características comportamentais ou traços de personalidade da cliente. Constatámos que, na sequência da utilização dos presentes genéricos disposicionais, a cliente tende igualmente a utilizá-los. Ou seja, podemos afirmar que a utilização deste tipo de presente por parte do terapeuta, aumenta as respostas de compreensão e *insight* da cliente.

A análise da reformulação parafrásica em contexto psicoterapêutico – se nos reportarmos a este estudo e ao de Grossen e Apothéloz (1996) – demonstrou poder contribuir para o alargamento do seu estudo em termos linguísticos. A análise linguística pode, por outro lado, revelar-se fecunda na caracterização dos perfis verbais dos psicoterapeutas e na sua influência nos processos terapêuticos de diferentes escolas, elucidando os técnicos sobre o seu *modus operandi* e sobre o que funciona em psicoterapia e como funciona, abrindo novos campos de aplicabilidade à Linguística.

Bibliografia

- Canut, C. 1998. Pour une analyse des productions épilinguistiques, *Cahiers de Praxématique* 31, 69-90
- Fonseca, J. 1992. As articulações discurso-metadiscurso e a sua exploração na didática do português como língua estrangeira in *Linguística e Texto/Discurso. Teoria, descrição, aplicação*, Lisboa, ICALP, 293-313
- Fuchs, C. 1980. *Paraphrase et théories du langage*, Thèse de Doctorat, Paris VII
- , 1981. Les problématiques énonciatives: esquisse d'une présentation historique et critique, *DRLAV* 25, 35-60
- Gulich, E. & T. Kotschi. 1983. Les marqueurs de reformulation paraphrastique, *Cahiers de Linguistique Française* 5, 305-351
- Grossen, M. & D. Apothéloz. 1996. Dynamique conversationnelle dans un entretien thérapeutique: analyse des reformulations, *Interactions et Cognitions* 1/1
- Monção, A. 2000, Índices Linguísticos de Mudança Terapêutica: análise de uma psicoterapia breve no quadro da Terapia Centrada no Cliente, Tese de Doutoramento, FCSH/UNL
- Murat M. & B. Cartier Bresson. 1987. *C'est-à-dire* ou la reprise interprétative, *Langue Française* 73, 5-16
- Proia, N. 1997. Les interactions psychothérapeutiques: un contexte communicationnel spécifique, *Interactions et Cognitions*, Vol. 1 (4), 511-541, L'Harmattan
- Roulet, E. et al. 1985. *L'articulation du discours en français contemporain*, Berne, Peter Lang
- , 1987. Complétude interactive et connecteurs reformulatifs, *Cahiers de Linguistique Française* 8, 11-140
- Rossari, C. 1990. Projet pour une typologie des opérations de reformulation, *Cahiers de Linguistique Française* 11, 345-360

Excerto A

[...]

T – Elle vous a dit qu'elle avait entendu la voix de son père outre tombe...

C – Hum, hum.

T – ... lui disant qu'elle avait bien fait de vendre sa maison.

C – Hum, hum. Je sais pas jusqu'à quel point on peut transposer ses propres désirs dans des situation pareilles ou bien...

T – **C'est-à-dire** que vous posez la question, est-ce qu'elle a entendu vraiment la voix de son père, ou est-ce qu'elle avait tellement envie de ...

C – Voilà.

T – ... de la...

C – ... d'entendre l'approbation...

T – ... d'entendre l'approbation éventuelle de son père...

C – Hum, hum,

T – ... qu'elle a fini par écouter ce qui n'était que son désir. (sessão 5)

Excerto B

C14' – Mais je sais pas si ça résoudrait la question, de toute façon, ces problèmes.

T14 – C'est-à-dire... vous voulez dire par là que peut-être les réponses des autres ne solutionnent pas votre problème. (XRC)

C15 – Non. C15' Puisque c'est moi qui doit faire l'effort, de toute façon. C15'' Ça peut aider, peut-être.

T15 – L'opinion des autres peut vous aider, T15' mais en fait c'est vous qui... trouverez votre propre solution... La solution est en vous.

C16 – Oui C16'. C'est pas facile. (sessão 1)

Excerto C

C – Quand on me demandait... des mamans me demandaient des conseils euh... j'avais plus de facilité à répondre que moi si j'ai des problèmes avec les enfants, de trouver...

T – Hum, hum.

C –... la solution. Je crois qu'**on** peut mieux trouver si **on** est en dehors de... du domaine affectif, peut-être.

T – Le sentiment qu'il est parfois plus facile pour **vous** de voir les solutions des problèmes des autres...

C – Hum, hum.

T – ... que les **vôtres**. Et surtout quand ça touche au domaine affectif. (sessão 1)

Excerto D

C – C'est-à-dire des périodes où l'**on** croit qu'**on** arrive et puis c'est justement au moment où, bon, **on** croit qu'**on** est arrivé à ce détachement que plouf!, **on** plonge.
 T – Il y a des moments où **vous** avez l'impression d'avoir réussi...
 C – Hum, hum.
 T – ... puis ensuite l'impression que c'était marche en arrière.
 C – Oui. Alors je sais pas si c'est parce que croyant avoir réussi **on** se re ... **je** me relâche moi-même... (*sessão 1*)

Excerto E

T – Souvent **vous** réfléchissez?
 C – Beaucoup, oui. Je sais pas si...
 T – Hum, hum.
 C – ... je... justement je réfléchis trop.
 T – Trop?
 C – Je sais pas. C'est possible. **On** tourne... **je** tourne un peu en rond. En réfléchissant trop **on** a... **on** a tendance à tourner un peu en rond. Vous comprenez ce que je dis?
 T – Vous avez le sentiment que parfois, à force de réfléchir seule, **vous** avez l'impression de vous trouver dans... dans une impasse. (*sessão 1*)

Excerto F

C – [...] Et bien l'année dernière encore j'arrivais jamais... chaque fois que je lui téléphonais, il fallait que je regarde le numéro sur la liste. Et c'est pendant l'hiver, d'un coup un jour **je me suis rendue compte** que j'avais plusieurs numéros à regarder sur la liste. Et **je crois que** c'est très significatif...
 T – Hum, hum.
 C – ... de mon état d'esprit aussi.
 T – Hum, hum. Vous voulez dire le sentiment que le fait que tout d'un coup **vous** avez pu garder ce numéro en mémoire, **ça a quand même une relation** avec le changement d'attitude...
 C – Voilà.
 T – ... en vous face à elle. (*sessão 12*)

Excerto G

- C1 – (...) Je crois que [j'en ai assez eu], alors maintenant [j'ai plus envie] d'en avoir.
- T1 – Hum, hum. *Pas envie d'avoir des problèmes pour le moment*
- C2 – Non.
- T2 – Besoin de vacances, des fameuses vacances.
- C3 – Oui.
- T3 – Vacances des problèmes aussi.
- C4 – Aussi, oui. Oui, alors parce que quand *elle m'a dit*, fait cette remarque l'autre fois, [ça m'a glacé] et puis *je me suis dit* ben elle "ça y est, *elle m'a gâché* les vacances"...
- T4 – Hum, hum.
- C5 –... alors je sais pas... si j'aurais pu éviter de par un effort de volonté d'y penser, mais *j'avais tout le temps mon esprit qui tournait* autour de ça.
- T5 – Hum, hum. Oui, en fait *ce qui était gênant pour vous* c'est que *vous avez pas pu* prendre la distance par rapport à l'événement, et qui bon, que de parler après les vacances "après les vacances on parlera", c'est à dire que le fait que quelque chose restait suspendue...
- C6 – Hum, hum.
- T6 – ... comme ça, *ça vous a centré* autour...
- C7 – Oui.
- T7 – ... de ces problèmes en suspens.
- C8 – De ces problèmes, oui. Hum, hum.
- T8 – Enfin *elle en grande partie a entamé* votre disponibilité face à vos vacances, face aux autres.
- C9 – Oui, les autres *ne se sont pas rendu compte, je ne l'avais pas...* Heureusement Nicole après *est partie*, et puis mon mari *est venu*, il *a passé*, il *est venu* me dire bonjour, et puis *j'avais personne* à ce moment là dans la salle et puis *je lui ai dit*, *j'ai raconté* ça et puis il *m'a dit* "ben si ça va pas tu arrêtes, enfin".
- T9 – Il *vous a soutenu*, *vous vous êtes sentie soutenue*.

Excerto H

- C10 – (*continuação*) Oui, oui. *Il m'a dit* "Il ne faut pas te faire du tracas pour ça", mais après j'en ai plus parlé, mais ça malgré tout...
- T10 – C'est à dire que **si quelqu'un vous fait une remarque** à remettre à plus tard, c'est quelque chose **qui vous travaille...**
- C11 – Hum, hum.
- T11 – ... **vous avez beaucoup de peine** à mettre ça de côté.
- C12 – Oui.
- T12 – Hum, hum.
- C13 – **J'aurais préféré Cond. Passé** quand même en parler tout de suite.
- T13 – Régler les choses immédiatement.
- C14 – Oui.
- T14 – Hum, hum. Quand il y a des conflits, quand il y a des différences, **vous préférez Pr. Gen.** quand même pouvoir régler ça tout de suite.
- C15 – Oui, oui. Parce qu'alors **si ça traîne Pr.Gen.(?)**, je crois d'y penser trop, trop me laisser... **je me laisse trop envahir par Pr.Gen.**...
- T15 – Hum, hum.
- C16 – ... par ces problèmes.
- T16 – (?) quand il y a un problème qui traîne, **il vous envahit Pr. Gen.** progressivement, jusqu'à vous épuiser. (*sessão 11, pp. 6 e 7*)